

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

O DESAFIO DO TEMPO (INTEGRAL) NA ESCOLA PARA AS CRIANÇAS¹ THE FULL-TIME CHALLENGE IN SCHOOL FOR CHILDREN

Kátia Aparecida Dias Peroty², Noeli Valentina Weschenfelder³

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu- Mestrado em Educação nas Ciências- UNIJUI

² Aluna do curso de Pós-graduação Stricto Sensu- Mestrado em Educação nas Ciências

³ Professora Orientadora, Pós-doutora do Curso de pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado em Educação nas Ciências

Resumo: A oferta de educação em tempo integral é um tema que cresce em importância na realidade brasileira a partir da implantação do PNE- Plano Nacional de Educação, Lei n.º 13.005/2014, a qual contempla a oferta progressiva de tempo integral na rede pública em todo o país. O texto proposto traz relevantes considerações vinculadas com a prática numa escola pública municipal de Santa Rosa - RS. O objetivo do trabalho foi propor a reflexão sobre o modo como as crianças-alunos foram consideradas desde a ampliação da jornada diária escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Palavras-chave: Criança; Educação; tempo integral

Abstract: The offer of full-time education is a topic that grows in importance in the Brazilian reality since the implementation of the "PNE- Plano Nacional de Educação, Lei n.º 13.005/2014", which includes progressive full-time provision in the public network in all country. The proposed text brings relevant considerations related to the practice in a municipal public school in Santa Rosa - RS. The objective of this work was to propose a reflection about the way in which the children were considered since the expansion of the daily school day. The methodology used was the action research. Keywords: Child; Education; Full-time education.

INTRODUÇÃO

O Plano Nacional de Educação- PNE (2014-2024) desde sua publicação, propõe um avanço para a Educação Integral, tornando essa modalidade de educação uma meta a ser atingida em todo o país e na meta número 6 "Estabelece a oferta de educação em tempo integral para no mínimo 50% das escolas públicas e o atendimento de ao menos 25% dos estudantes de educação básica do Brasil (BRASIL, p.99). A partir dele, de um lado, há os municípios que precisam adequar suas escolas dentro do prazo estabelecido. De outro lado, as famílias disputam as vagas considerando, principalmente, o assistencialismo ali implicado, já que na maioria das famílias, ambos os pais trabalham fora de casa e ter o filho assistido o dia inteiro numa escola, representa segurança, alimentação e acesso à educação, gratuitamente. Mas, e o aluno? Será que ela deixa de ser criança para tornar-se aluno? Teriam elas todas as suas necessidades atendidas nesta nova proposta? Como será sua infância dos 6 aos 10 anos sendo que passa tantas horas diariamente dentro de uma instituição de ensino? O que ele percebe e espera de tudo isso? Uma nova estrutura cheia de possibilidades é garantia de qualidade da educação oferecida na escola?

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

O próprio plano sugere que, além da ampliação da carga horária, é necessário se pensar em questões pedagógicas que contemplem uma educação de qualidade e complementa:

Mais do que a ampliação da jornada escolar diária, no entanto, a educação em tempo integral exige dos sistemas de ensino e das escolas um projeto político pedagógico específico, que abarque a formação de seus agentes, a infraestrutura e os meios para sua implantação.(...) Para muitos, ampliar a jornada escolar e possibilitar às crianças e jovens à exposição às situações de ensino, aprendizagem e desenvolvimento de múltiplas habilidades tem sido considerada medida propulsora de melhor qualidade na aprendizagem e na redução das desigualdades nas oportunidades educacionais (BRASIL, p.100)

Portanto, para nos aproximarmos da qualidade desejada, é importante voltarmos nossos ouvidos e olhares para nossos pequenos, sua voz é relevante neste processo e, é nesse sentido que o estudo foi proposto. Assim, ao ouvir as vozes das crianças, poderemos ser capazes de compreender os reflexos desse tempo estendido na escola. Dentre as treze escolas de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Santa Rosa, duas delas implantaram o Tempo Integral a partir de 2016. Numa delas trabalho como Orientadora Educacional e faço algumas intervenções semanais nas turmas de 1º ao 5º ano.

METODOLOGIA

A metodologia empregada para o desenvolvimento e realização deste trabalho baseou-se em pesquisa-ação, ou seja, a partir de um problema coletivo. Conforme Baldissera (2001, p.6),

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E A ESCOLA

Importante ressaltar quatro distintas concepções de escola de tempo integral que foram verificadas por Cavaliere (2007). A primeira, assistencialista, concebe como prioridade a ocupação do tempo e a socialização, relegando a segundo plano o conhecimento. A segunda, autoritária, coloca a escola como uma instituição repressora e preventiva da criminalidade. Enquanto a terceira, democrática, percebe a escola como promotora de saberes escolares significativos e capazes de proporcionar a emancipação dos sujeitos ali implicados. E a última e mais recente, propõe a educação em tempo integral para além dos espaços escolares e com a parceria de entidades não-governamentais e com a sociedade civil, pois, o Estado seria incapaz sozinho de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

oferecer uma educação de qualidade.

Quando se observa, timidamente, a escola, verifica-se uma mistura dessas quatro concepções, porque ela traz características assistencialistas, sendo também autoritária, mesmo na tentativa de ser democrática e tentando agregar parcerias externas. A escola não nos parece fundamentada em apenas uma concepção de escola de tempo integral. Parece-nos sim, não ter criado ainda uma identidade sólida, que está, pois em construção.

O TEMPO ESTENDIDO NA ESCOLA

Considerando que ali, na escola, as crianças-alunos passam dez horas diárias, o que equivale a 40% do dia, enquanto que com os pais, seriam em torno de umas três ou quatro horas diariamente; é também assustador, pensar que essas crianças passam mais tempo com os profissionais da escola e seus colegas, do que com seus próprios pais e/ou responsáveis.

Assim, ao implantar o tempo integral na escola, há que se pensar em inúmeros detalhes que compreendem a vida de alunos, professores e funcionários. Amplia-se o tempo na escola e, com ele, seu planejamento. Estabelecer o que e como se fará, exige muitos estudos e outras concepções de educação. Será que é preciso preencher o tempo dos alunos com atividades? Que atividades respeitariam suas necessidades biológicas como alimentação e descanso e também sociais? Atividades de interação uns com os outros e com os profissionais da educação que trabalham neste espaço. É um compartilhamento do tempo e do espaço diariamente, cinco vezes por semana. O que exige uma nova forma de organização escolar que considere o que as crianças pensam sobre os espaços e tempos escolares.

Pensar no tempo escolar e na infância é delicado como bem nos coloca Arroyo (2012, p.33), “se um turno já é tão pesado para tantos milhões de crianças e adolescentes condenados a opressivas reprovações, repetências, evasões, voltas e para tão extensos deveres de casa, mais uma dose do mesmo será insuportável”. Apesar da potencialidade formativa da Escola de Tempo Integral, o ideal seria que além do tempo, se ampliassem as oportunidades de aprendizagem e, conseqüentemente, fosse ofertada uma educação de maior qualidade. Teremos, pois, que sair dos bonitos e engavetados PPPs- Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e verificar o que acontece na prática, a fim de avaliarmos realmente o que estamos fazendo com a infância de nossas crianças.

AFINAL, E A CRIANÇA-ALUNO?

A razão de existir das escolas são os alunos. A escola é feita por causa deles e para eles. Uma escola considerada de qualidade carrega consigo o ideal de desenvolver a autonomia dos sujeitos ali implicados. Mas e de fato, as atividades realizadas na escola convergem para promover esta autonomia. Buscamos em Castoriadis (2007, p.178) uma reflexão sobre autonomia na educação:

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Problema que se apresenta sob a forma de paradoxo, pois o que visamos através da educação é a autonomia do indivíduo - e essa autonomia tem condições estabelecidas historicamente, tanto na história do indivíduo, quanto naquela coletividade onde ele vive -, dizemos que é preciso educar o indivíduo para que ele seja autônomo. Dizemos, portanto, algo tão paradoxal quanto: é preciso dar-lhe o hábito da liberdade, o hábito do não hábito. Ou então: levá-lo a ser quase que automaticamente autônomo. Antinomia intratável para a lógica corrente e para a concepção herdada de liberdade.

Contudo, o que se averiguou na escola é que em razão das rotinas impostas diariamente, ao longo do dia, os alunos têm pouca liberdade para fazer escolhas, pois o roteiro já está todo pré-definido. Questiono-me se nesta direção, somos capazes de instigar nossas crianças- alunos a emanciparem-se da sujeição alheia para tornarem-se indivíduos melhores a fim de construir um mundo melhor ou se retroalimentamos o sistema que nos aprisiona dia após dia para sermos subordinados eternamente. Neste sentido, repensar a infância na escola é proeminente, como propõe Belloni (2009, p. VIII) "A criança é a pessoa, o cidadão com direitos, e deve ser considerada um ator social, sujeito de seu processo de socialização, um consumidor com poder, um indivíduo emancipado em formação, isto é, que está aprendendo (ou não) a exercer seus direitos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações realizadas, precisamos pensar na sociedade que queremos, diante de toda a sua pluralidade, os avanços que já tivemos até agora e aqueles que ainda esperamos alcançar; percebendo nossos alunos como seres singulares, mas também como atores capazes de transformar os espaços coletivos. Assim sendo, torna-se imprescindível colocar em xeque o que ensinar e o que aprender, como sugere Marques (2000, p.102):

Devem ser consensualmente validados sempre de novo os critérios sobre o que se tem de ensinar e aprender, quando e como, numa sociedade que se quer democrática e pluralista, atenta aos valores e interesses de indivíduos e grupos em igualdade de oportunidades e sensível à incorporação dos avanços científicos e tecnológicos.

Nesta perspectiva, a escola transforma-se num espaço de empoderamento do indivíduo e, por isso, assume uma grande responsabilidade com a aprendizagem que pode garantir, principalmente, a dignidade a todos os indivíduos. Dessa forma, mais do que a ampliar a quantidade do tempo com as crianças na escola, faz-se necessário, primordialmente, oferecer qualidade neste tempo de infância que é único. Apenas manter os alunos ocupados com atividades diversas, não é suficiente. Sem diálogo entre os turnos, entre a parte comum e a parte

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

diversificada, é só fazer de conta que o tempo integral está efetivado na escola. É preciso pensar neste tempo tão precioso da infância, que está sob nossos cuidados e não escolarizar até mesmo o tempo livre nas instituições. Salieta-se, então, que a criança, centro do processo educativo, clama por ser ouvida e sair da passividade historicamente imposta, tornando-se, pois, protagonista do seu presente e futuro. À equipe diretiva cabe proporcionar uma prática que considere a voz e a vez dos alunos sedentos por uma educação de maior qualidade. Sejam coerentes, então, com nosso papel de educadores ou estaremos apenas num faz de conta da educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. In: MOLL, J. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos espacos educativos. Porto Alegre: Penso Editora, 2012. p. 33-45.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. Revista eletrônica Sociedade em Debate- UCPEL. Pelotas. v. 7, n.2 (Agosto/2001). Disponível em <http://www.rsd.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/570/510>. Acesso em 07/07/2018 às 22:337h. ISSN 2317 0204

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Sociologia da Infância?** Campinas: Sp. Autores Associados, 2009.

BRASIL. Lei n.º 13.005 de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação. Acessado em: 07 de julho de 2018, às 18:45h. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>.

CASTORIADIS, C. **Sujeito e Verdade no Mundo Social e Histórico.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CAVALIERE, A.M.V. **Tempo de escola e qualidade na educação pública.** Campinas: Educação e Sociedade, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, out. 2007.

MARQUES, Mário Osório. **Aprendizagem na mediação do aprendido e da docência.** Ijuí, RS. UNIJUI, 2000.

PAIVA, Flávia Russo Silva. AZEVEDO, Denilson Santos de Azevedo. COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. Concepções de Educação Integral em Propostas de Ampliação do Tempo Escolar. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 16, n. 1, jan./jun. 2014.